



REFLEXÕES SOBRE AS MULHERES QUE EXERCEM MÚLTIPLAS FUNÇÕES: PAPÉIS SOCIAIS, DENTRO E FORA DE CASA.

Kristine Renata Medeiros Alves
Gisele Cristina Resende

RESUMO

O presente se propõe a realizar uma reflexão sobre mulheres que exercem mais uma função social, seja como mãe, esposa, trabalhadora, e/ou estudante, o papel da mulher nos dias atuais dentro de casa, no trabalho ou na universidade. Mulheres vem ao longo dos anos mudando seus papéis sociais que antes era de dona de casa, esposa e mãe, para entrar na universidade, entrar no mercado de trabalho e ter uma carreira profissional. Porém, como essas conquistas as mulheres seguem acumulando funções, sobrecarregando-as e possivelmente trazendo prejuízos para suas vidas ou prejuízo na carreira ou postos de trabalhado.

Palavras-chave: Mulheres; múltiplas funções; papéis sociais.

REFLECTIONS ON WOMEN WHO EXERCISE MULTIPLE FUNCTIONS: SOCIAL ROLES, INSIDE AND OUTSIDE THE HOME.

ABSTRACT

The present proposes to carry out a reflection on women who exercise more of a social function, whether as a mother, wife, worker, and / or student, the role of women today at home, at work or at university. Over the years, women have changed their social roles, which used to be that of a housewife, wife and mother, to enter university, enter the job market and have a professional career. However, as these achievements, women continue to accumulate functions, overloading them and possibly causing damage to their lives or damage to their careers or jobs.

Keywords: Women; multiple functions; social roles.



Papéis sociais, familiares, econômicos e de gênero, pode influenciar em escolhas profissionais, e educacionais, dessa forma, ser mulher, estudante, trabalhadora ou ter funções sociais previamente estabelecidas como de ser responsável por afazeres doméstico e cuidados com familiares, impactam na sua compreensão enquanto sujeito, individual e coletivamente.

A mulher atual, bem diferente daquela do início do século XX, vem passando por transformações nos papéis sociais de mãe, esposa, estudante ou trabalhadora e enfrentando desafios em todas as áreas que propõe exercer. Deixando de ser exclusivamente responsável por atividades relacionadas ao lar para adentrar no mercado de trabalho e nas universidades. Porém como a adição de mais funções sociais as mulheres não deixaram os papéis antes atribuídos a elas como de cuidadora do lar e dos filhos. Como apontam os autores:

A história do século XIX revela que havia, na sociedade de modo geral, uma nítida divisão entre domínio público e privado. Os homens “pertenciam” à esfera pública, pois desempenhavam de forma predominante o papel de provedor da família, e as mulheres “pertenciam” à esfera privada, uma vez que o cuidado do lar funcionava como atividade de contrapartida dado o sustento financeiro do marido. (SOUZA; GUEDES, 2016, p. 123)

Assim a mulher saiu do papel privado de esposa e mãe para ter uma profissão e adentrar a esfera pública no mercado de trabalho e representa hoje maioria dentro das universidades que só possível graças a movimentos sociais como o Movimento Feminista, a presença das mulheres na vida pública. Mesmo com mudanças nos papéis sociais ainda é perceptível divisões de gênero nos cuidados com pessoas e afazeres doméstico. Souza e Guedes (2016) consideram que os afazeres domésticos e tornaram-se invisíveis e por muito tempo as relações de poder assimétricas entre os sexos foram se perpetuando.

Hoje o perfil das mulheres é muito diferente daquele do começo do século, pois além de trabalhar e estudar, elas acumulam tarefas tradicionais como ser mãe, esposa e dona de casa, saíram da esfera doméstica e privada para ocupar a esfera pública. Dados do IBGE (2019) apontam que 92,2% das mulheres realizam trabalhos domésticos enquanto apenas 78,2% dos homens realizam trabalhos domésticos apresentando



diferença de 14 pontos percentuais. Mesmo em situações ocupacionais iguais, as mulheres dedicavam mais horas a afazeres domésticos e cuidado de pessoas do que os homens.

A partir deste cenário social, o objetivo deste artigo foi o de refletir sobre o papel social das mulheres na sociedade atual exercendo diferentes funções no âmbito privado e no público.

O papel da mulher nos dias atuais

Desde muito tempo as mulheres exercem as funções de mãe e cuidadora da família, tendo como papel cuidar da casa, dos afazeres domésticos e dos filhos, deixando para os homens o papel de provedor da família. A partir dos anos 70 com crescimento da força de trabalho remunerada feminina e o acesso à escolaridade, as mulheres conseguiram estudar/formar em uma profissão, entrar no mercado de trabalho e ter uma carreira. Entretanto, com todas estas conquistas as mulheres ainda possuem responsabilidades extras, além de sua carreira profissional e estudos, atividades que podem sobrecarregá-las e trazer prejuízos para a saúde física e mental.

Hirata (2016) aponta que apesar da mudança dos padrões culturais e de gênero, como a redução da taxa de fecundidade e o aumento nos níveis de escolaridade das mulheres nas últimas três décadas, a entrada da mulher no mercado de trabalho em comparação aos homens ainda é bastante desigual. Destacando atividades de má qualidade e sem direitos trabalhistas como atividades informais e trabalhos de meio período como provedor de renda para muitas mulheres. As taxas de atividade têm crescido, entretanto, os empregos criados são considerados vulneráveis e precários, com a ampliação do trabalho informal.

Para Lima et al. (2017) o aumento da participação da mulher no mercado de trabalho, apesar de um avanço, não possibilitou a superação das diferenças com relação aos salários, revelando dentro do campo de trabalho as relações são bastante assimétricas, androcêntricas e sexistas, e que essas diferenças também podem ser observadas no âmbito familiar através de uma educação sexista dentro de fora da escola que vem contribuindo para diferentes papéis sociais para homens e mulheres, consequentemente nas tomadas de decisões profissionais.



Hirata (2015) aponta mudanças nos modelos de conciliação entre vida familiar e vida profissional, descrevendo quatro modelos de delegação desses trabalhos:

a) Modelo tradicional: a mulher não trabalha fora, assumindo cuidados da casa e dos filhos, o homem é o provedor. Essa configuração está sendo hoje ultrapassada pelos domicílios em que ambos os cônjuges trabalham para o sustento da família. Entretanto, ainda é realidade, sobretudo quando o número de filhos torna difícil a “conciliação” entre afazeres domésticos e de cuidados e trabalho profissional.

b) Modelo da conciliação: a mulher trabalha fora, mas concilia trabalho profissional e trabalho doméstico; o homem não vê a necessidade de conciliar, pois não existe para ele uma norma social, segundo a qual ele deva realizar o trabalho doméstico e de cuidados concomitante ao trabalho profissional.

c) Modelo da parceria: mulheres e homens repartem tarefas domésticas e cuidados da família. Ora, a parceria supõe igualdade de condições: será que existe, hoje, igualdade na posição dos homens e das mulheres na família e na sociedade?

d) Modelo da delegação: a mulher delega a outras mulheres o cuidado com a casa, família e crianças. Por exemplo: mulheres executivas e com postos de responsabilidade só podem trabalhar se outras mulheres, desprovidas de recursos e necessitando trabalhar para sustentar a família, assegurarem essas tarefas. O primeiro grupo de mulheres não pode existir sem o outro.

Esses modelos refletem o que as pesquisas vêm demonstrando sobre a mulher e sua inserção social e trabalhista. Martins et. al. (2019) defende que a crescente participação das mulheres no mercado de trabalho nas últimas décadas tem sido associada às mudanças na família e na sociedade, como a maternidade tardia e menor número de filhos. As mulheres a partir das mudanças sociais e das conquistas feministas adentraram em contextos antes considerados primordialmente masculinos, o que ocasionou na expectativa de maior envolvimento do homem no cuidado dos filhos, o que não se realiza em muitas famílias, pois apesar de trabalhar fora de casa, a mulher ainda é a maior responsável pelos filhos e pelos cuidados domésticos (IBGE, 2019).

Além da inserção no mercado de trabalho, a escolarização por parte de mulheres está aumentando, nas universidades há mais mulheres matriculadas se comparadas aos homens e muitos cursos que eram considerados masculinos. Hoje mulheres estão



escolhendo e frequentando cursos como as engenharias, as ciências tecnológicas e matemáticas, mesmo com os papéis de gênero ainda demarcados socialmente, embora ainda haja uma assimetria entre os gêneros nestas áreas (SAAVEDRA; CÉU TAVEIRA; SILVA, 2010) as pesquisas demonstram maior escolarização e acesso à universidade.

Mulheres na universidade e no mercado de trabalho

Segundo Dados do IBGE (2018), relacionados ao nível superior completo entre pessoas de idade de 25 a 44 anos, mostra que o percentual de homens que completou a graduação foi de 15,6%, enquanto o de mulheres atingiu 21,5%, indicador 37,9% superior ao dos homens. Apesar de as mulheres apresentarem maior percentil de escolaridade no nível superior que os homens, em relação aos rendimentos médios do trabalho (CMIG 13), as mulheres seguem recebendo cerca de $\frac{3}{4}$ do que os homens recebem.

O trabalho de mulheres nos Brasil é constituído de uma bipolarização de empregos femininos, de um lado minoritário executivas e profissionais de nível superior, e do outro lado mulheres em profissões tradicionalmente femininas nos setores de saúde e educação, emprego domésticos e escritórios. Sobre trabalhos que demandam cuidados com outras pessoas, Hirata (2015) destaca desigualdade de gênero e raça.

O trabalho de cuidado foi exercido por muito tempo por mulheres, no interior do espaço doméstico, na esfera dita “privada”, de forma gratuita e realizado por amor, com os idosos, crianças, doentes, deficientes físicos e mentais. [...]. Com a mercantilização, o trabalho feminino de cuidado, gratuito e invisível, torna-se visível e é considerado, enfim, um trabalho (com seus corolários: formação profissional, salário, promoção, carreira, etc.) (HIRATA, 2015).

Bruschini e Lombardi (2003), salientam que a partir das décadas de 80 e 90 as mulheres ocupavam em sua maioria postos de trabalho relacionados a serviços administrativos, de turismo, serventia, higiene, beleza e auxílio a saúde, um destaque para as profissões de magistério e enfermagem. A partir dos anos 2000 as mulheres vêm assumindo postos de trabalho de maior prestígio e tradicionalmente masculinas como medicina, advocacia, arquitetura e engenharia. Evidenciando progressos alcançados pelas mulheres em relação participação no mercado de trabalho.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

Embora haja uma crescente participação feminina nos postos de trabalho, Nascimento e Villas-Boas (2015) salientam que discriminação de mulheres no mercado de trabalho ainda é alta pois ainda enfrentam dificuldades para entrar no mercado de trabalho e salários inferiores. Pesquisa de Madalozzo e Artes (2017) demonstrou que há diferenças salariais entre homens e mulheres que exercem as mesmas profissões, sendo aproximadamente entre 7,9% para profissionais do direito, 28,1% para medicina e 67,7% na engenharia, o que revela a desigualdade de gênero e pode ocasionar segregação nas profissões e influenciar nas escolhas profissionais de mulheres.

Com relação a realização de trabalhos domésticos, dados do IBGE (2019) revelam a taxa de realização de afazeres domésticos e/ou cuidado de pessoas é bem maior entre as mulheres (93,0%) do que entre os homens (80,4%). Para Barros e Mourão (2018) o aumento do número de mulheres como força de trabalho deveria corresponder a queda de atividades dentro do lar associada a uma divisão de trabalho mais equilibrada entre homens e mulheres no espaço doméstico.

Além disso, as horas semanais gastas pelas mulheres (21,3 horas) nessas atividades são, em média, quase o dobro das gastas pelos homens (10,9 horas). Contribui para a explicação deste resultado a própria natureza dos postos de trabalho ocupados pelas mulheres, em que se destaca a maior proporção dedicada ao trabalho em tempo parcial, pois no restante do tempo dedicam-se às atividades domésticas (serviços de casa e maternidade). Segundo Barros e Mourão (2018) a figura de uma mulher ligada exclusivamente ao lar, aos cuidados com os filhos, familiares e assuntos domésticos já não corresponde à sua imagem no século XXI. Elas estão cada vez mais atuantes nos espaços até então ocupados pelos homens. Nesse contexto, a pílula anticoncepcional exerceu papel importante no processo de mudança social, pois permitiu aos casais escolherem o melhor momento para ter filhos, e as mulheres passaram a ter uma maior disponibilidade para atuar fora do âmbito doméstico (BERTOLINI, 2002 *apud* BARROS; MOURÃO, 2018).

Ainda em relação ao trabalho gasto por mulheres IBGE (2018) apontam que as mulheres trabalham, em média, 3 horas a mais por semana que os homens combinando trabalho remunerado, afazeres domésticos e cuidados com pessoas e mesmo com maior nível de escolaridade, ganham em média 76,5% de rendimento que os homens.



A mulher e suas múltiplas Funções

As mulheres ao recorrer dos últimos 40 anos, vem mudando seus papéis sociais e trazendo novos papéis. A possibilidade de maior controle sobre o número de filhos que deseja ter, a possibilidade de uma escolha profissional, o crescimento do feminismo e maior visibilidade da mulher dentro da sociedade contribuiu para a mudança desses papéis sociais.

Dados do IBGE (2018) mostraram que quase metade dos lares brasileiros são chefiados por mulheres, saltando de 25% em 1995 para 45% em 2018, destacando a importância e o papel feminino no mercado de trabalho e na manutenção da família como única ou principal provedora de renda. Entre as mulheres responsáveis pelo lar destaca-se que 43% delas possuem companheiro, 30% são mães e 13% não possuem filho. O restante delas são 32% mães solteiras que vivem com os filhos, 18% vivem e sozinhas e 7% dividem a casa com amigos ou parentes.

Configurando uma organização familiar matrifocal, em que as atividades desenvolvidas pelos membros de uma família centram-se na figura da mulher. Surge, porém, uma contradição. Por um lado, ela encontra satisfação e realização em tudo o que faz, e por isso sobrecarrega-se e sofre. Por outro, não suporta o peso de tantas responsabilidades e termina por manifestar sérios danos a sua saúde.

Monteiro (2015), em sua dissertação de mestrado, observou que as mulheres em posição de liderança sofrem com desgaste físico, mental, e conflitos internos e culpa por não estarem conseguindo dar conta como gostariam de a responsabilidades que atribuíram a si próprias. Assim, segundo a autora, os maiores desafios das mulheres ainda estão ligados a sua “dupla jornada” de trabalho. Para a autora a influência do papel da mulher na reprodução social é tão grande, que a própria escolha e a manutenção do emprego, da extensão das jornadas e dos turnos de trabalho profissional incluem entre os critérios a possibilidade de conciliação com o cuidado da casa e dos filhos. Muitas mulheres optam, quando é possível, por jornadas parciais, mesmo com prejuízos salariais e de progressão funcional, para poderem se dedicar mais aos filhos pequenos.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

Silva e Lima (2012) ao falar sobre mulheres, trabalho e família apontou, no exercício desses papéis, elevados níveis de cobrança pessoais, profissionais, sociais e emocionais. Para a autora a mulher flexibilizou-se na ocupação de diversas esferas. Contudo, velhas formas de funcionamento permanecem sob outras roupagens e as desigualdades sociais entre homens e mulheres ainda permanecem. A mulher que lutou tanto para conquistar espaços fora da cena doméstica hoje também sofre por - uma vez conquistado o espaço público - agregar a esse uma série de tarefas e funções.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mulheres vem ao longo dos anos mudando seus papéis sociais, saindo da esfera do lar (dona de casa, esposa e mãe) para a esfera pública (entrar na universidade, entrar no mercado de trabalho e ter uma carreira profissional). São as responsáveis por cuidados com os filhos e afazeres domésticos, passando quase o dobro de horas semanais com esses cuidados, acumulam funções, dentro e fora de casa o que pode resultar em perda ou prejuízo em uma dessas funções ou até mesmo na saúde da mulher. O que talvez possa explicar o porquê mulheres sofrem mais com o estresse de carreira.

Percebeu-se que nas leituras realizadas que quase metade dos domicílios no Brasil são chefiados por mulheres em sua maioria casadas e/ou mães, evidenciado que as mulheres são responsáveis por suas famílias, pelo cuidado com os filhos, cuidados com a casa e também responsáveis financeiramente. Como conciliar os papéis de trabalhadora, estudante, mãe, e cuidadora do lar sem que haja prejuízo em alguma dessas áreas? Talvez a resposta seja simples, sempre há um prejuízo, seja pelo posto de trabalho em situação informal, ou pelo salário menor em relação aos homens.

Também foi possível observar que as mulheres ao exercer várias funções sofrem das desigualdades de gênero dentro da sociedade, discriminação dentro do mercado de trabalho, postos de trabalho inferiores, menores salários e maiores responsabilidades dentro e fora de casa contribuem para o papel da mulher seja mantido como de segundo plano ou que para ter sucesso em carreira profissional as mulheres precisam se dedicar muito mais tempo colocando em situação de possíveis perdas em seus papéis sociais.

**REFERÊNCIAS**

BARROS, S. C. da V.; MOURAO, L. Panorama da participação feminina na Educação Superior, no Mercado de Trabalho e na Sociedade. **Psicol. Soc.** Belo Horizonte, v.30, 2018. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822018000100214&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 13 dez. 2020. Epub 08-Out-2018. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30174090>.

BRUSCHINI, C. & LOMBARDI, M. R. Mulheres e homens no mercado de trabalho brasileiro: um retrato dos anos 1990. In: MARUANI, Margareth e HIRATA, Helena. **As novas fronteiras da desigualdade: homens e mulheres no mercado de trabalho**. São Paulo: SENAC, 2003.

HIRATA, H. Mudanças e permanências nas desigualdades de gênero: Divisão sexual do trabalho numa perspectiva comparada. **Friedrich Ebert Stiftung Brasil**, (7),1-24. 2015.

HIRATA, H. Mulheres brasileiras: Relações de classe, de "raça" e de gênero no mundo do trabalho. **Confins**, (26), 2016. doi:10.4000/confins.10754

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2018 / IBGE, **Coordenação de População e Indicadores Sociais**. - Rio de Janeiro: IBGE, 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Mulheres dedicam mais horas aos afazeres domésticos e cuidado de pessoas, mesmo em situações ocupacionais iguais a dos homens. **Estatísticas Sociais**. Atualizado em 26/04/2019 15h57. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/24266-mulheres-dedicam-mais-horas-aos-afazeres-domesticos-e-cuidado-de-pessoas-mesmo-em-situacoes-ocupacionais-iguais-aos-homens>. Acessado em 01/05/2019

LIMA, F.I.A.; VOIG, A.E.G.T; FEIJÓ, M.R.; CAMARGO, M.L.; CARDOSO, H.F. Influência da construção de papéis sociais de gênero na escolha Profissional. : **Rev. Bras. Psicol. Educ.**, Araraquara, v.19, n.1, p. 33-50, jan./jun. 2017. ISSN: 1413-2060 DOI: 10.30715/rbpe.v19.n1.2017.10818

MADALOZZO, R.; ARTES, R. Escolhas profissionais e impactos no diferencial salarial entre homens e mulheres. **Cad. Pesqui**, São Paulo , v. 47, n. 163, p. 202-221, Mar. 2017. <https://doi.org/10.1590/198053143666>

MARTINS, G.F.; LEAL, C.L.; SCHMIDT, B.; PICCININI, C.A. Maternidade e Trabalho: Experiência de Mulheres com Carreiras Estabelecidas. **Trends Psychol.**, Ribeirão Preto, v. 27, n. 1, pág. 69-84, janeiro de 2019.

MONTEIRO, H.M.D.R. **Mulher, Trabalho e Identidade**: Relatos de mulheres em cargo de poder e prestígio sobre suas trajetórias profissionais. 2015. Dissertação



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

(Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Pós-Graduação em Psicologia, 2015.

NASCIMENTO, G.; VILLAS BÔAS, R. Proteção a Mulher: Direitos Individual e Social à Igualdade de condições no Mercado de trabalho e ao direito a maternidade. **Law Review**, v. 1, n. 6 (III Encontro de Internacionalização do CONPENDI - Madrid), p. 156-172, 2015. Disponível em: <https://www.indexlaw.org/index.php/conpedireview/article/view/3459/2972>. Acessado em 11/12/2020.

SAAVEDRA, L.; CÉU TAVEIRA, M. ; SILVA, A. D. A subrepresentatividade das mulheres em áreas tipicamente masculinas: Factores explicativos e pistas para a intervenção **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, vol. 11, núm. 1, enero-junio, 2010, pp. 49-59. <https://www.redalyc.org/pdf/2030/203016888006.pdf>

SILVA, D.M.; LIMA, A.O.; Mulher, Trabalho e Família na cena contemporânea. **Contextos Clínic**, São Leopoldo , v. 5, n. 1, p. 41-51, jul. 2012 .

SOUZA, L.P ; GUEDES, A Desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década. **Estudos Avançados** 30 (87), 2016.

Recebido 20/11/2020. Aceito: 14/12/2020.

Autoras

Kristine Renata Medeiros Alves - Psicóloga, Especialista em Gestão de Pessoas pelo Centro Universitário do Norte – UNINORTE

E-mail: kristinealves3@gmail.com

Gisele Cristina Resende-Psicóloga, Prof. Dra. da Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas – UFAM

E-mail: giseleresende@ufam.edu.br